

Tradução do russo e edição por CN, 11.5.2016

(original em: https://kprf.ru/rus_soc/99271.html)

Stáline e os empresários¹

A.K. Trubítsine

2011

Se há cinco ou seis anos visse um tal título pensaria provavelmente que o artigo falaria da liquidação dos empresários, como classe, da sua reeducação na construção do Canal Mar Branco-Mar Báltico, da sua punição nos *gulag* e de outros pesadelos para o pequeno negócio. E não poderia ser de outro modo, pois Stáline era a construção do socialismo, o fim da *NEP*, a economia planificada. Que lugar podia haver aqui para a iniciativa privada? Porém, constata-se que podia e que, no tempo do camarada Stáline, este sector da economia nacional se desenvolveu com grande pujança, até ser encerrado e liquidado, em 1956, por Khruchov, juntamente com a eliminação das hortas domésticas (as quais, aliás, durante o tempo de Stáline podiam ter até um hectare de terra).

Interessei-me pela primeira vez pelo tema da iniciativa privada na época de Stáline quando examinava a edição em vários tomos dos documentos do *NKVD* [Comissariado dos Assuntos Internos (*N. Ed.*)] do período da Grande Guerra Patriótica. Foi então que me deparei com um relatório de um major-chefe do *NKVD* (havia essa patente) sobre a situação numa fábrica que produzia munições de artilharia. O relatório é puramente estatístico: tantos milhares de munições nos armazéns, tantos milhares em produção, as quantidades de matérias-primas disponíveis, os ritmos de produção. Era uma informação rotineira, mas de repente vi algo inesperado, a produção estava entregue a uma empresa cooperativa. Ora, tratava-se do fabrico de dezenas de milhares de munições, ou seja, de uma produção em grande escala!

Passei a infância no tempo de Khruchov. Nessa altura havia uma atitude desdenhosa em relação às empresas cooperativas, eram vistas como «*bagatelas*». As empresas estatais, sim, isso era algo a sério! Muitos anos depois, ao ler aquele relatório, comecei a interessar-me e a tentar compreender o que representava na realidade a produção cooperativa soviética no tempo de Stáline.

¹O presente texto foi publicado no site do Partido Comunista da Federação Russa, em 22 de Novembro de 2011. Aleksandr Konstantínovitch Trubitsine (1946) licenciou-se em Electrónica (1971) e trabalhou na construção de computadores de bordo para mísseis e satélites. Após 1991 teve funções como consultor na Academia da Economia Nacional da Federação Russa e depois como assistente de deputado na Duma do Estado. Foi jornalista durante vários anos, escrevendo para os jornais *Soviétskaia Rossía*, *Patriot* e *Pravda*. (*N. Ed.*)

Da leitura das memórias de armeiros e construtores fiquei a saber que, na Leningrado sitiada, por exemplo, as célebres metralhadoras *Sudaev* eram feitas em empresas cooperativas. Isto significa que estas empresas dispunham de um importante parque de maquinaria: máquinas-ferramentas, prensas, equipamentos de soldadura e alta tecnologia.

Depois comecei a procurar informação sobre as empresas cooperativas e descobri coisas surpreendentes. Verifiquei que no tempo de Stáline, a iniciativa privada (na forma de cooperativas industriais e de uniões de artesãos) era incentivada de todas as formas e por todos os meios. Logo no primeiro quinquénio foi planificado o crescimento do número de membros das cooperativas em 2,6 vezes. No início de 1941, o Conselho de Comissários do Povo e o CC do PCU(b), numa resolução especial, «*purxaram as orelhas*» aos zelosos responsáveis que se ingeriam na actividade das cooperativas; sublinharam o carácter obrigatório da elegibilidade das direcções das cooperativas industriais aos diferentes níveis; e isentaram-nas por dois anos da maioria dos impostos e do controlo estatal sobre a formação dos preços de retalho. A única condição obrigatória era a de que os preços de retalho não fossem superiores aos preços estatais em mais de 10-13 por cento, para idêntica produção (sendo que as empresas estatais não beneficiavam de isenções e por isso tinham condições menos favoráveis).

E para que os burocratas não tivessem a tentação de «*encurralar*» os cooperativistas, o Estado também definiu os preços das matérias-primas a fornecer às cooperativas industriais, dos equipamentos, dos espaços de armazenagem, dos transportes e da rede comercial. A corrupção, em princípio, tornava-se impossível. Mesmo nos anos da guerra manteve-se metade dos benefícios fiscais às cooperativas, os quais foram majorados logo depois da guerra, ultrapassando os níveis de 1941, em particular para as cooperativas então formadas em grande número por antigos combatentes mutilados.

Nos difíceis anos do pós-guerra o desenvolvimento das cooperativas era encarado como um importantíssimo objectivo do Estado.

Um parente meu descreve nas suas memórias como o seu pai, comunista, combatente na frente de batalha, se tornou dirigente de uma grande e bem-sucedida cooperativa. Encarregaram-no de organizar uma empresa na pequena aldeia onde vivia. Foi ao centro regional e num dia resolveu todas as formalidades, voltando a casa com várias páginas de documentos e o carimbo da recém-criada cooperativa. Era assim, de forma expedita e sem entraves burocráticos, que no tempo de Stáline se resolviam as questões relacionadas com a criação de empresas. Depois começou a reunir amigos e conhecidos e decidiram o que fazer e como. Um deles, que tinha uma carroça e um cavalo, tornou-se «*chefe da secção de transportes*». Outro tinha encontrado sob as ruínas uma máquina de gaseificar água, e ele próprio reparou-a. Um terceiro cedeu as instalações para a cooperativa no pátio da sua casa. E foi assim que, com o pouco que cada um tinha, começaram a produzir limonada.

Discutiram e acordaram a forma de organizar e escoar a produção, as participações de cada um na cooperativa (de acordo com o contributo dado para a criação da empresa e as respectivas qualificações) e lançaram-se ao trabalho. E a coisa correu bem. Passado algum tempo começaram a fazer chupa-chupas, depois salchicharia até que aprenderam a fabricar conservas. A cooperativa cresceu e desenvolveu-se. Alguns anos mais tarde, o seu presidente foi condecorado pelo trabalho realizado e o seu retrato foi incluído no quadro de honra do distrito. Por aqui se vê que no tempo

de Stáline não se diferenciava quem trabalhava nas empresas do Estado dos que estavam em empresas privadas, todo o trabalho era honroso, e na legislação laboral, na contagem dos anos de serviço ou noutros formulários constava sempre a opção possível «...ou membro da cooperativa industrial...».

E qual foi o legado que o camarada Stáline deixou ao país no que respeita ao sector empresarial cooperativo da economia? O número de oficinas e empresas nas mais diversas actividades (da indústria alimentar à metalurgia, da joalharia à indústria química) atingiu as 114 mil. Nelas trabalhavam cerca de dois milhões de pessoas, que produziam seis por cento da produção industrial bruta da URSS, sendo que as uniões de artesãos e as cooperativas industriais produziam 40 por cento do mobiliário, 70 por cento dos utensílios de cozinha e de mesa em metal, mais de um terço dos têxteis em malha e quase a totalidade dos jogos e brinquedos para crianças. Para o sector industrial cooperativo trabalhavam cerca de uma centena de gabinetes de projecto, 22 laboratórios experimentais e até dois institutos de investigação. Além disso, o sector tinha um sistema próprio de pensões, não estatal! Podemos ainda acrescentar que as cooperativas concediam aos seus membros empréstimos para a compra de gado, ferramentas e equipamentos e para a construção de habitação.

Como já vimos, a sua produção era variada. Nos anos do pós-guerra, nas zonas rurais da Rússia, as cooperativas fabricavam cerca de 40 por cento dos objectos domésticos (loiça, móveis e mesmo calçado). Os primeiros receptores de rádio a válvulas (1930), os primeiros rádios-gira-discos (1935), os primeiros televisores com cinescópio (1939) foram produzidos pela cooperativa *Progress-Radio*, em Leningrado.

Assim se desenvolveu a iniciativa privada no tempo de Stáline. Um verdadeiro sector empresarial produtivo, e não especulativo. Um sector com gente brilhante e laboriosa, que abria todo o campo à iniciativa individual e à criatividade de cada um e que tornou a economia mais forte, em benefício do país e do povo. Um sector que era tutelado e protegido pelo Estado.

No tempo de Stáline ninguém conheceu esses fenómenos da «*democracia*» como a extorsão, «*protecção*» [mediante pagamento] ou corrupção. Nessas condições, a iniciativa privada cresceu e consolidou-se.

A cooperativa *Stoliar-Stroítel*, em Leningrado, que começou a fabricar trenós, rodas, abraçadeiras e urnas funerárias em 1923, passou a chamar-se *Radist* em 1955, dispondo já de uma grande produção de mobiliário e aparelhos de rádio. A cooperativa *Metalist*, criada em 1941 em Iakutsk, em meados dos anos 50 já possuía uma grande base industrial. Por essa altura, também a cooperativa *Krasni Partisan*, em Vólogda, que começara a produzir resinas em 1934, era já uma grande unidade com uma produção de 3500 toneladas. A cooperativa *Iúpiter*, em Gatchina, que desde 1924 produzia quinquilharia de uso pessoal, em 1944, imediatamente após a libertação da cidade, passou a produzir pregos, fechaduras, lanternas e pás, de que havia grande necessidade para a reconstrução, e no início dos anos 50 passou a produzir loiça de alumínio, máquinas de lavar roupa, equipamentos de perfuração e prensas. E são aos milhares estes exemplos de sucesso.

Stáline e a sua equipa intervieram firmemente contra as tentativas de estatização do sector cooperativo empresarial. No debate nacional sobre economia, em 1951, D.T.

Chepilov² e A.N. Kossíguine³ defenderam a manutenção das hortas domésticas dos membros os *kolkhozes* e a liberdade do empreendedorismo cooperativista. Stáline escreveu sobre o assunto no seu última obra, *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*.

Mas Stáline morreu e o trapaceiro e astucioso Khruchov trepou ao mais alto cargo do Estado. Lançou torrentes de lama sobre Stáline, guardou rancor a Chepilov pelas intervenções que este fez contra as suas as ideiazinhas ridículas (os mais velhos lembrar-se-ão da referência «*e de Chepilov que a eles se juntou*».⁴) E em cinco anos arruinou, desfez e destruiu o que Stáline tinha feito crescer cuidadosamente, com sabedoria e de forma consequente, ao longo de décadas. Em 1956 decretou a transferência total para o Estado até 1960 de todas as empresas cooperativas. As únicas excepções foram as pequenas cooperativas de serviços domésticos, os *ateliers* de artistas e as cooperativas formadas por inválidos de guerra, embora estas tenham sido proibidas de comercializar directamente a sua produção. A eliminação do sector empresarial cooperativo foi cruel e injusta. A atrás referida cooperativa *Radist* tornou-se numa fábrica do Estado, a *Mettalist*, numa oficina de reparações mecânicas, a *Krasni Partisan*, na fábrica de colofónia, e a *Iúpiter*, na fábrica estatal *Burevestnik*.

As cooperativas foram expropriadas sem indemnizações. Os sócios perderam as suas contribuições, excepto aquelas que deviam ser reembolsadas segundo os resultados de 1956. Os empréstimos concedidos aos membros das cooperativas foram inscritos nas receitas do Estado. Os estabelecimentos comerciais e de restauração nas cidades foram expropriados sem indemnizações. Nas localidades rurais o pagamento foi simbólico.

A justeza da nacionalização realizada após a revolução não levanta dúvidas. Tudo o que havia sido construído durante séculos por um povo espoliado e explorado, através de um sistema execrável e injusto de distribuição da riqueza, tinha claramente de ser entregue àqueles a quem pertencia por direito: ao povo laborioso. Tudo o que tinha sido acumulado através da especulação, da usura, da fraude, das negociatas, sob coacção financeira ou policial, devia ser devolvido e ser utilizado em benefício de todo o povo.

²**Chepilov**, Dmítiri Trofímovitch (1905-1995), membro do PCUS desde 1926, do CC (1952-57), secretário do CC (1955-56 e 1957), candidato ao *presidium* do CC (1956-57) e ministro dos Negócios Estrangeiros (1956-57). No plenário do CC, de Junho de 1957, foi expulso da direcção do partido por trabalho fraccionário, após ter apoiado a demissão de Khruchov do cargo de secretário-geral. Director e vice-director da Academia das Ciências da Quirguízia (1957-60), acabou por ser colocado nos arquivos centrais do Conselho de Ministros. Em Fevereiro de 1962 é expulso do partido, sendo reintegrado em 1976. Como economista integrou o colectivo que preparou o primeiro *Manual de Economia Política do Socialismo*. (N. Ed.)

³**Kossíguine**, Aleksei Nicoláievitch (1904-80), membro do partido desde 1927, do CC do desde 1939 e do *Politburo* (1948-52 e 1960-80). Comissário do Povo para a Indústria Têxtil (1939-40), ministro das Finanças da URSS (1948), ministro da Indústria Ligeira (1949-53), presidente do *Gosplan* (1959-60), tornou-se vice-presidente (1960) e presidente (1964-80) do Conselho de Ministros da URSS. (N. Ed.)

⁴Referência aos membros do *Politburo* que legitimamente votaram pela destituição de Khruchov em 1957, e que depois foram rotulados como «*grupo antipartido*»: Mólotov, Kaganóvitch, Malenkov, Vorochílov, Bulgánine, Pervúkhine, Sabúrov e «*Chepilov que a eles se juntou*». (N. Ed.)

Mas a propriedade das cooperativas, criada e aumentada durante a era soviética, em total conformidade com leis justas, uma propriedade material, construída pelo trabalho, e não títulos e acções ou outros papéis que constituem meios e instrumentos de burla e apropriação, uma propriedade sob a forma de máquinas-ferramentas, viaturas e instalações, com frequência construídas pelos próprios cooperativistas – esta é uma propriedade honesta. É uma propriedade que não serve a exploração do homem pelo homem, mas a criação de bens para todos. Não podia ter sido abolida como fez Khruchov.

E agora quando as máquinas de propaganda lavam os cérebros dos pequenos empresários com a ameaça de que «*vêm os malvados stalinistas e levam-vos tudo*», é preciso recordar que foi precisamente Stáline quem criou e desenvolveu um magnífico sistema de empresariado honesto, produtivo, não especulativo ou usurário. Defendeu-o com firmeza tanto da prevaricação e da corrupção de funcionários, como da usura que vive dos juros e da rapina do capital. Só não pôde defendê-lo do estúpido e maléfico Khruchov, esse reformador de meia tijela, precursor do actual regime corrupto, que devia ter sido enviado a tempo para o tal *Gulag*.